

Conversa com um velho amigo

Prezado amigo.

Pretendia, para comemorar os seus cinqüenta anos, relatar neste jornal que também é seu, vários episódios da sua vida tão cheia de interesse humano, procurando assim divulgar para um público mais largo, que o Oscar Niemeyer, além de ser o grande arquiteto de fama mundial, é homem de carne e de espírito, ligado às contingências normais da vida, às suas incertezas, vacilações e surpresas.

Pretendia contar aqui, com relevo de pormenores, as estranhas e complicadas viagens que V. realizou, sempre acompanhado do seu fiel escudeiro e de seus ajudante. Esse excelente escudeiro de presença toda vez indispensável e a cuja *al kunia*, como aos nomes dos filósofos antigos, está ligada a denominação de uma cidade: Eça de Queiroz de Três Rios.

Desejava contar, sobretudo, aquelas viagens a Minas Gerais em tempo de guerra e de gasolina racionada, em que levávamos três dias do Rio a Belo Horizonte, viagens repletas de episódios pitorescos lembrando, às vezes, as andanças daquele que foi a “flor dos cavaleiros”, o “engenhoso fidalgo”, oriundo da Mancha e experimentado nas lides por duras terras de Espanha e do qual herdamos todos nós, latinos, um pouco da alucinação visionária; numa dessas viagens, já por madrugada muito enevoada e curvas perigosas de caminho, a falta de visibilidade dificultando a direção do automóvel, resolvemos, às duas horas da manhã, parar na primeira localidade que surgisse, e assim fizemos: entramos pouco depois numa cidade com as suas portas completamente fechadas, sem ter nas suas ruas viva alma, sem ter qualquer existência viva que a animasse, a não ser um cavalo branco que surgiu, de repente, correndo junto às casas, sobre a calçada, e logo sumindo ao longe; pareceu-me daquele horizonte reduzido pela noite e pela névoa, pareceu-me que levava no dorso alguma Lady Godiva mineira através da cidade adormecida. Mas, um postigo se abriu, um rosto apareceu que perguntado respondeu, informou; somente então soubemos onde nos encontrávamos.

Poderia falar ainda de uma outra viagem, também a Minas Gerais, da qual participou um rapaz rico, apaixonado pela mecânica, proprietário de uma oficina que era o seu *hobby* e a sua distração. Esse jovem mecânico que, quando ainda estávamos na raiz da serra de Petrópolis, com o automóvel marchando, inexplicavelmente, a dez quilômetros horários, somente “via flores” naquela viagem, manifestando assim a sua grande disposição esportiva para semelhantes “empresas”; como se transformou, dois dias depois, ao passarmos além de Barbacena em estrada noturna e sulcada de fundas rodeiras! Amedrontado, nos simples e pacíficos trabalhadores que caminhavam na escuridão da noite ao lado do carro em que viajávamos, começou a ver salteadores, vultos suspeitos, armados de fuzil. Dentro da minha imaginação literária ele surgia como uma nova versão do personagem de Chesterton em seu *The return of D. Quixote*, agora não mais arrastando pelas ruas de Londres um tîlburi velho, mas seguro ao volante de um automóvel, arrastando pelos caminhos da Serra da Mantiqueira volumoso gasogênio, pois era no tempo dos gasogênios.

Todos esses episódios, que bem contados e explorados dariam um volume, poderia eu aqui relatar, não com muita habilidade, mas com certa largueza, se outros acontecimentos não tivessem surgido, agora ligados à sua obra arquitetônica. Não é a primeira vez, V. bem sabe, que surgem impasses entre a sua forma estrutural projetada e a conseguida pelo engenheiro de estrutura, e que estes engenheiros divergem, muitas vezes, no modo de aplicação da sua forma a uma configuração estrutural estável.

O caso mais recente foi essa questão em torno de uma viga de trinta metros de vão, que acabou transformada numa outra de três vãos de dez metros, em consequência de medos e espantos fantásticos e inexplicáveis. Inexplicáveis, sobretudo porque não ocorre a ninguém que Brasília seja obra de temerosos, antes, talvez que seja de temerários. Neste ponto abro parêntese para referir o seguinte: uma vez o poeta Manuel Bandeira trouxe-me um álbum, um desses álbuns em que as moças costumam reunir um pouco das idéias e dos sentimentos de pessoas mais velhas e de sua proximidade, trouxe-me para que nele escrevesse um pensamento meu. De posse do livro, percorrendo as suas folhas encontrei o desenho de uma flor, uma flor maravilhosa tomando quase toda página, e bela, caprichosamente trabalhada, e que era, creio eu, da autoria de Portinari ou de Santa Rosa, não me lembro mais; entretanto, ao pé dessa flor extraordinária havia uma outra, pequenina, de três pétalas, pobrememente traçada, ao lado dela uma legenda: “Cada um faz a flor que pode”, assinado: Lúcio Rangel.

Pois, prezado amigo, cabe também aqui no nosso caso dizer: cada um faz a flor que pode. E como, para quem conhece o assunto, possa parecer que quero ficar com a autoria da flor suntuosa, isto é, a grande flor de trinta metros, e, aos outros, atribuir a empobrecida, a triste, de três pétalas somente, ou seja, de três misérrimos vãos, procuro explicar que no caso presente a flor soberba e convencida é precisamente esta e não aquela, é esta, a que certamente apareceu depois de cálculos matemáticos muito exatos, com circunstâncias difíceis de **randwert** e **eigenwert**, isto é, de valor de contorno e valor próprio, belas especulações do espírito humano que não deixam de ser uma maneira inteligente de o homem brincar com o infinito.

Toda a sua obra, prezado amigo, está impregnada desse anseio de mistério e de infinito, daí a dificuldade de reduzi-las ao formalismo das receitas. Está impregnada desse infinito e desse mistério que se encontram em todas as grandes obras da humanidade, sejam edifícios, aviões ou **sputniki**, pelo que, cada vez mais me convenço, é preciso aceitar ou, melhor dizendo, crer na existência do mistério e até mesmo do milagre – este tomado num sentido abstrato; – do mistério como antecipação do desconhecido, do milagre como pressentimento do mistério.

O mistério é o alimento do conhecimento e da ciência; o milagre, a indicação, a revelação do mistério; sem o milagre não se pressente o desconhecido, sem o desconhecido não há progresso na ciência. Sem crença, sem fé, racional ou intuitiva, se ficará no limbo das coisas mortas e apagadas.

Por isso, porque não são mortas e apagadas, é que as suas formas arquitetônicas suscitam essas questões no campo da possibilidade de realização, e fazem recuar os que vivem no seio da timidez, da teimosia e da conformidade.

Um abraço.

Joaquim Cardozo

1957